

Mulher e Memória em Vozes do Deserto, de Nélida Piñon¹

Maria Luzia Oliveira Andrade²

Memória e Mulher são categorias teóricas que, embora distintas, entrecruzam-se e justapõem-se no discurso de *Vozes do deserto* (2004), romance da autoria de Nélida Piñon. É claro que esse encontro discursivo não é gratuito, mas certamente fruto de um projeto de autoria feminina, o qual provavelmente nasceu da constatação de que a tradição da narrativa deve muito à força criativa das mulheres de todas as épocas.

Dentro dessa premissa, analisamos a relação gênero/memória em *Vozes do deserto*, lembrando-nos de que o próprio nome desse texto de ficção é bastante sugestivo. Assim, de imediato, deparamo-nos com a evidência de que a obra trata-se do resgate das histórias das *Mil e uma noites*, narrativas essas que povoam, há gerações, o imaginário tanto do Oriente quanto do Ocidente. Mas o que teria Nélida Piñon acrescentar às consagradas histórias contadas por Scherezade? Seria uma releitura dos fatos, digo, das narrativas passadas, acrescentando-lhe a sensibilidade, a ótica e a perspectiva feminista ou apenas um resgate da memória do Islã?

¹ Trabalho apresentado no Seminário Internacional Mulher e Literatura (UESC), em setembro de 2007, Ilhéus.

² Mestranda em Letras (UFS). Especialista em Literatura Brasileira. Pesquisadora cadastrada no CNPq no Grupo de Pesquisa GEPIADDE - UFS, na linha Memória e Identidade.

Dentro desse eixo discursivo, as idéias de Linda Hutcheon (1991) são extremamente importantes, uma vez que, para a teórica, reescrever ou representar o passado na ficção, dando-lhes uma nova e diferente versão, é impedi-lo de ser conclusivo e definitivo. Também acreditamos ser a reescrita do passado um fator preponderante ao resgate e à reflexão sobre a tradição. Nesse caso, uma forma instigante de atualizar as leituras feitas, ao longo dos séculos, sobre o universo imaginário das *Mil e uma noites* e das façanhas da transmissora destas histórias.

A saber, nessa nova perspectiva discursiva, Scherezade não representa apenas a mulher que engana o sultão nem tampouco a pobre moça que se oferece em sacrifício pelas virgens do reino e pela própria família. Ao contrário, a personagem configura-se como as mulheres de todas as épocas, de uma lídima postura feminista, ou seja, as que ousaram renegar o seu “destino de mulher” e de simples amante, curvada, submissa, anulada. Daí o papel de mártir ser romântico, insuficiente e indigno a essa figura tão significativa para a história da ficção literária.

Mulher e memória são o ponto central dessa narrativa de Nélide Piñon por duas razões óbvias: sempre tanto coube à mulher os grandes sacrifícios pela harmonia da família quanto a responsabilidade pela educação dos filhos. À mulher foi, durante séculos, reservada a parte inglória, menos importante, mas contraditoriamente, vital à manutenção da família, como a entrega, a doação, os sacrifícios. Também lhe foi reservada a tarefa de educar, de contar e recontar, às crianças, antigas e importantes histórias, numa tentativa de manutenção do imaginário social e do *status quo* de toda uma sociedade e de todo um estado de coisas, em que a própria mulher foi, durante séculos, o outro, o castrado nas necessidades, nas vontades, nos desejos e nas aspirações.

No entanto, na memória cultural de um povo, ficam apenas os notórios, aqueles que se destacam, pois a memória representa

um veículo de preservação de indivíduos que realizam fatos notáveis (BAUMAN,1998) essenciais à sobrevivência ou ao enriquecimento artístico de uma sociedade. Por tudo isso, no que concerne à memória, Scherezade apresenta uma dupla importância: salvar toda uma sociedade da gana de vingança do Califa – que deseja matar todas as mulheres, na ânsia de vingar-se diária e constantemente da “traidora” esposa Sultana –; inscrever, na ficção literária, a mulher como um ser articulado, agente, feminista.

A forma como Scherezade é delineada, em *Vozes do deserto*, mostra-nos que, nas condições da narrativa, mulher é sinônimo de imaginação, de força, de insubmissão, de subversão. Conseqüentemente, no comportamento da protagonista, nota-se um “ser saindo da imanência à transcendência, digo, uma consciência realizadora que deseja projetar-se no mundo, com o mundo e para o mundo” (HEIDEGGER, 2005).

Embora a educação que o “Vizir reservou às filhas difira das práticas da corte, punitivas e castradoras para com as mulheres”(p. 2004), a jovem Scherezade representa a insubmissão feminina, a subversão do discurso. Insubmissa porque, ao decidir morar com o Sultão, com o intuito de livrar as jovens da fúria desse Abássida, contraria as ordens, os apelos e as chantagens do pai. Subversiva porque, ao utilizar-se da magia da ficção para protelar a própria morte, usa o poder da palavra, do discurso e ratifica que tanto o poder circula nas relações sóciope pessoais quanto a linguagem inteligentemente articulada é sinônimo de autonomia e do próprio poder.

Nesse contexto narrativo e na opinião de teóricos, o discurso não é inocente nem puro. Assim, da mesma forma que no mundo real “o discurso está na ordem das leis” (FOUCAULT, 2006, p. 07), das regras sociais, do que podemos ou ousamos falar, enfim, do uso da linguagem interdita, em *Vozes do deserto*, o discurso é a força motriz a conduzir as histórias, a interromper vidas ou impedi-las de serem ceifadas.

O Soberano Bagdali possui o poder do Estado, mas Scherezade tem a vocação para contar histórias. A jovem também é a memória das gerações passadas, pois “tudo que dissesse tinha respaldo na memória do Islã” (p. 2004); com isso, é detentora de um imensurável patrimônio cultural, e conseqüentemente, do poder da linguagem.

Scherezade desde cedo aprendeu que, para possuir o poder do discurso, é necessário, redundâncias à parte, primeiro nos apropriarmos de certos discursos; depois nos desfazermos dos mesmos, para só então construirmos o nosso próprio discurso. Daí a razão pela qual a filha do Vizir sempre ouviu atentamente as narrativas de sua ama Fátima, bem como sempre encontrou tempo para recarregar a força imaginativa no mercado e na medina da cidade.

Em decorrência disso, a linguagem é a evidência do ser no mundo, pois quem fala coloca-se na posição de sujeito, de agente, de dominador. Noutras palavras, o momento da enunciação é primordial tanto para rompermos as algemas da castração social quanto para ratificarmos nossa essência de seres do pensamento e do desejo.

Ainda nesse contexto, em *Vozes do deserto*, não se percebe a platônica cisão mente/corpo, uma vez que Scherezade configura-se tanto como a mente articuladora de um plano, cujo objetivo é salvar as famílias da vingança e da transferência do ódio do Abássida às mulheres, quanto o assumir de um gênero autenticamente feminista, repleto de fantasias e de desejos.

Essa postura de Scherezade vai ao encontro do pensamento de Judith Butlher (2003, p. 18-19) para quem “o Sujeito do Feminismo é em si uma formação discursiva”. Ou melhor, não basta ter a biologia do sexo feminino para ser uma mulher; é imprescindível adotar a postura, o comportamento de uma mulher, e com isso, assumir um gênero, porque enquanto “o sexo é um atributo biológico, o gênero é culturalmente construído” (BUTLHER, 2003, p. 24).

A exemplo disso, feministas como Monique Wittig (Apud BUTLHER, 2003, p. 164) afirmam que “a pessoa não nasce mulher,

mas torna-se mulher”. Dentro dessa lógica discursiva, o comportamento das mulheres em *Vozes do deserto* corroboram essa teoria, uma vez que as mulheres do reino aceitam passivamente o destino de mulheres objetos.

A própria Dinazarda – irmã da heroína da história – sente inveja de Scherezade. No entanto, o surpreendente é aquela não sonhar em possuir a criatividade e a inteligência da contadora de histórias, mas sentir uma louca vontade de estar com o Califa, ou seja, ser um objeto, um troféu do poder, sem se dar conta de que, naquela situação, todas as vidas são vítimas, oprimidas, anuladas, ceifadas.

Realmente! Muitas nascem com o sexo, com a biologia da mulher, mas poucas se tornam autenticamente mulher. Apenas a insubmissão ao estado de opressão constitui-se numa lúdima posição de sujeito e de gênero. Reside aí a importância da lendária Scherezade resgatada, recriada e atualizada por Nélida Piñon: mostrar que as questões de gênero e memória sempre permearam o imaginário social e literário do Ocidente e do Oriente.

Então, se num primeiro momento, a postura guerreira e revolucionária de Scherezade leva-nos a repensar a identidade feminina no bojo das representações literárias, haja vista essa personagem representar a guardiã da tradição da narrativa; por outro lado, bem mais honroso, é claro, nota-se a figura feminina saindo da casa, para o mundo, para a vida. Quando isso ocorre, percebe-se brotar, daquela situação calamitosa de objetos anulados e maculados, uma conduta subversiva, por isso, feminista, bem como uma consciência de gênero, de mulher.

Isso se justifica porque, segundo Sartre (2005, p. 122), “o ser da consciência é um ser para o qual, em seu ser, está em questão o seu próprio ser”, pois os antigos projetos não são mais suficientes para a satisfação nem a realização pessoal. Particularmente, o ser da consciência é aquele que, além de adotar uma postura subversi-

va diante da vida, inquieta-se e liberta-se do cerco das obrigações sociais e pessoais.

Scherezade configura-se num legítimo ser da consciência em dois momentos: primeiro ao decidir – à revelia de todos – minar as forças do Sultão e desestruturar o poder avassalador e impiedoso do Abássida; depois ao fugir dos domínios do impiedoso Soberano Bagdali, em busca da sua liberdade. A saber, a jovem feminista está constantemente desfazendo-se do *ser-em-si* em busca de um *ser-para-si*. Isso ocorre porque tanto no mundo real quanto no ficcional o *ser-em-si* simplesmente é, existe, enquanto o *ser-para-si* é aquele possível de existir (SARTRE, 2005), de subverter a ordem das coisas preestabelecidas e do discurso vigente.

O pivô desse processo de libertação de Scherezade instaura-se no momento em que o seu corpo e a sua mente pedem algo além das obrigações conjugais com o Califa, e a mesma começa a sentir intensos desejos sexuais. No entanto, a libido da personagem relega ao nada o suposto desejo do Califa por ela, voltando-se ao outro existente na imaginação, ou ainda, algumas vezes, materializado nas sutis e generosas curvas da bela escrava Jasmine.

Embora algumas teorias psicanalíticas apontem para o fato de que a mulher nasceu para o bissexualismo (LIMA, 2001), nesta análise que inferimos a materialidade textual de *Vozes do deserto*, isso se torna irrelevante. O importante é salientarmos que, apesar de a instância narrativa descrever as práticas sexuais do Abássida, através de uma linguagem extremamente formal – o que corrobora o imaginário social de uma época extremamente castradora –, ainda se encontrava espaço para a fantasia, para a loucura, para a danção feminina.

O espírito inquieto de Scherezade tira o véu da tradição da narrativa, ao passo que revela ao Ocidente uma nova Scherezade, uma nova mulher, um gênero sobrevivente às sucessivas tentativas de castração, uma identidade avassaladora, um ser fruto da

alteridade. O discurso que subverte a ordem vigente é construído, na narrativa, num duplo movimento, mostrando, pois, os dois lados da mesma moeda: a “memória voluntária” (AGUIAR, 1998, p. 21) da protagonista – por isso documentária de toda uma tradição do Islã – e o gênero que constrói sua identidade a partir da relação com o outro e do enfrentamento com este.

Memória cultural, identidade e mulher perfazem e atualizam os discursos sobre gênero, na medida em que compõem um único, verossímil, avassalador e instigante discurso de ficção literária.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Joaquim Alves. **Espaços da memória**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas do gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **Heidegger**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LIMA, Nádia Regina L. B. **O Feminino na Psicanálise**. Alagoas: EDUFAL, 2001.

PIÑON, Nélida. **Vozes do deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2005.